



**ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA DA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO  
ARQUITETÔNICO IMOBILIÁRIO DA CIDADE DE VITÓRIA DA CONQUISTA-BA**

Milena Fernandes Dantas Andrade<sup>1</sup>  
Argemiro Ribeiro de Souza Filho<sup>2</sup>

**INTRODUÇÃO**

A arquitetura e os diversos lugares de uma cidade constituem o cenário de nossas lembranças e situam-se na medida em que as paisagens existentes fazem alusão a significados que relembram narrativas relacionadas às nossas vidas (GOULART, 1973). No mundo contemporâneo, em razão da importância histórico-cultural, o patrimônio de bens materiais é considerado um grande acervo físico de memória a ser preservado. A noção de Patrimônio se confunde com a de propriedade, principalmente com a herdada, reforçando a conotação utilitarista (CHOAY, 2001). O Patrimônio Histórico e Cultural é constituído por bens materiais e imateriais significativos para a comunidade e representa a memória que conseguiu-se valorizar e materializar por meio dos poderes públicos e privados ao longo do tempo. As comunidades sempre deixam marcas no lugar onde vivem que identificam a sua história individual e/ou coletiva, deixando assim, nestes espaços, sua identidade, suas tradições e seus costumes (CANCLINI, 1998).

O presente estudo é um desdobramento de um projeto de pesquisa de Iniciação Científica que tem como objetivo principal identificar, mapear e catalogar bens imóveis antigos na cidade de Vitória da Conquista-Ba, norteado pelas noções de preservação de patrimônio e memória cultural afim de discutir as dimensões que assumem essas abordagens e analisar suas peculiaridades estabelecendo diálogos historiográficos e de memória coletiva, para compreender o significado e a importância de se preservar, como pode ser feita essa preservação e quais as leis que regem essa temática, levando em consideração os conceitos relativos ao uso dos espaços.

1 Graduada em Comunicação Social c/ hab. Publicidade & Propaganda pela Universidade Salvador. Especialista em Metodologia do Ensino Superior e Gestão Estratégica da Comunicação. Faculdade Independente do Nordeste – FAINOR- Brasil.

2 Docente da Faculdade Independente do Nordeste - FAINOR; Doutor em Ciências pela USP e Pesquisador do grupo de pesquisa: Estado e Política no Brasil Imperial e Republicano (GEPS). Endereço eletrônico: argemiro@fainor.com.br



Quando nos deparamos com um espaço de relevância histórica, esse espaço provoca sentimentos e sensações que nos faz reviver momentos e fatos vividos que fundamentam e explicam a realidade presente. Essa memória pode ser despertada por meio de lugares e edificações, e de monumentos que, em sua materialidade, são capazes explicar a forma de vida daqueles, que no passado, usufruíram do espaço. Cada edificação, portanto, carrega em si não apenas o material de que é composto, mas toda uma gama de significados e vivências ali experimentados (LEFEBVRE, 2006).

Lugares estão “as marcas do local construídas no tempo”. Neste sentido, entende-se que todos os lugares trazem sinais peculiares do modo de ver e viver da população que habita ou habitou o local. Visto assim: “O Lugar seria o Locus, no tempo e no espaço, do acúmulo de experiência em forma de história e de tradição, a segurança da identidade” (SUSANA GASTAL, 2006, P 101). Nora (1984) utiliza a expressão “lugares de memória” para se referir aos locais valorosos em que se constrói a identidade individual e coletiva.

Se partirmos destes o pressuposto, a preservação de edificações mais antigas Vitória da Conquista-BA deve ser alimentada pela conscientização da importância dessa patrimonialização, o que permitirá sedimentar na memória da uma sociedade local toda sua história. A memória de um grupo ou história coletiva favorece, para “manter a coesão dos grupos e das instituições que compõe uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade” (POLLAK, 1989, p. 9). Essa história comum passa a pertencer a cada geração que se segue. As memórias de cada indivíduo estão fortemente ligadas às construções que sinalizam um passado comum a todos.

A preocupação com a conservação de registros de memória e preservação de patrimônios, nos diferentes contextos e suportes, justifica a reflexão sobre o perigo de esquecer ou perder tais registros que relatam fatos históricos marcantes de uma determinada sociedade. Referindo-se ao patrimônio histórico:

A expressão que designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes dos seres humanos (FRANÇOISE CHOAY, 2001, p.11).

A memória atua como elemento constituinte de uma identidade social individual ou coletiva, sendo reconhecida como narrativa legítima de um passado (LE GOFF, 2005, p.475) descreve: “A memória faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas



pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção”.

Há ainda quem considere que é na sociedade onde “todas as indicações necessárias para reconstruir tais partes de nosso passado que representamos de modo incompleto ou indistinto, e que até acreditamos terem saído inteiramente da nossa memória” (HALBWACHS, 2006, p. 97). O pesquisador, ao estudar e propagar a história com o intuito de salvaguardá-la na memória de uma sociedade, deve-se atentar para estratégias que estimulem o pensamento, as reflexões e os questionamentos, evitando promover aceitações passivas de um discurso sobre o passado. Como parte documental dessa preservação da memória, uso da fotografia como testemunho importante da realidade, pode gerar grandes discussões isso porque a imagem, desde os tempos mais remotos foi utilizada como recurso para a representação de acontecimentos marcantes do cotidiano das pessoas. “A fotografia conduziu naturalmente os arquitetos a serem ainda mais escrupulosos no respeito aos mínimos vestígios de uma antiga disposição, a aperceberem-se melhor da estrutura, além de fornecer um instrumento permanente para justificá-las suas ações” (VIOLLET-LE-DUC, 1996, p. 28).

O grande desafio consiste em descobrir a história, neste caso, do que não está retratado e que indiretamente compõem o cenário oculto, aquele que caracteriza o contexto econômico, social, cultural que não foi fotografado, mas cuja imagem fotográfica traz à tona. Considerando as abordagens sobre a importância da fotografia tem-se:

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. (LE GOFF, 2005, P. 547).

Embasado nessa temática, Kozel (2001) destaca o arquiteto Kevin Lynch por ser considerado o pioneiro na utilização de mapas mentais para investigar as relações do meio com o comportamento humano. Os mapas mentais anunciavam a abertura de um novo caminho no desvendar dos símbolos de uma cidade.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa fundamentou-se em revisões bibliográficas exploratórias para refinamento do tema proposto. Foi elaborada uma pesquisa qualitativa, juntamente com



uma coleta de imagens de fachadas, previamente selecionadas, de edificações consideradas antigas, com o intuito de mapear e identificar esses imóveis e observar sua atual situação arquitetônica.

## RESULTADOS

Certos de que a preservação tem um papel fundamental na identidade e educação da cidade, a pesquisa aborda o papel da comunidade e sua importância como guardiã de sua história. Toda cidade tem sua história, e há várias formas de contá-la. Ela está presente na cultura de seu povo, nos ciclos de seu desenvolvimento econômico e social, nas obras ilustres, e nas edificações, memória visível da evolução humana. A constituição da memória de um indivíduo é uma combinação das memórias dos diferentes grupos dos quais ele participa e sofre influência, seja na família, na escola, em um grupo de amigos ou no ambiente de trabalho. O indivíduo participa então de dois tipos de memória (individual e coletiva) e isso se dá na medida em que “o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas que toma emprestado de seu ambiente” (HALBWACHS, 2006, p. 72).

A valorização do passado das cidades é uma característica comum às sociedades há vários séculos onde a principal justificativa se resume em preservar a memória urbana. Para Le Goff (2005), a valorização atual do passado tem muito a ver com o fim da era de otimismo ilimitado no futuro. As formas urbanas herdadas dos tempos anteriores permitem a projeção e a reorganização dos espaços. Neste sentido, as análises feitas por Halbwachs (1990) são importantes para as discussões sobre memória das cidades e memória dos lugares principalmente por que ele enfatiza a necessidade do coletivo como premissa à existência de memória.

A história busca objetividade, embora não consiga atingir objetividade total, mas chega muito perto dela. A memória, por conservar certas informações, contribui para que o passado não seja totalmente esquecido, pois ela capacita o homem a atualizar impressões ou informações passadas, fazendo com que a história se eternize na consciência humana. A memória, diferentemente da história, é seletiva, parcial e vulnerável a todas as utilizações e manipulações. Desta forma, percebe-se que para o estudo e o resgate do passado de uma cidade, certamente tem-se que aliar duas frentes de investigação: a história e a memória (NORA, 1984).



Embasados neste discurso é que pode se legitimar muito mais a importância de se estudar, pesquisar, identificar e mapear um conjunto de edificações antigas, consideradas referências da história local. Dessa forma, esperamos conscientizar a comunidade de Vitória da Conquista-BA para que ela se aproprie melhor do seu bem, de forma que incentive a preservação dos mesmos reintegrando esses imóveis ao dia a dia da comunidade.



Foto 1: Fachada da Casa de D. Henriqueta Prates . Sede do Museu Regional de Vitória da Conquista (inaugurado em 1991).

Foto 2: Fachada da Casa de D. Zaza (Jeny Fernandes de Oliveira). Construída em 1889.

Fonte: Acevo pessoal

## CONCLUSÃO

O acervo arquitetônico é parte importante dos referenciais de um povo, da identidade cultural de uma cidade e que ao ser destruído, os cidadãos não reconhecem mais o espaço como meio social e cultural de suas vidas. Pelo que se viu aqui, aponta que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com ideias de hoje as experiências do passado” (HALBWACHS, 2006, p.143).

A preservação do Patrimônio histórico arquitetônico contribui para a compreensão do presente, abrindo espaço para novas discussões, promovendo a historicidade, trazendo à tona valores simbólicos de uma cidade para uma sociedade como o sentimento coletivo de fazer parte, de interagir com o meio e de pertencimento.

Palavras-chave: Patrimônio. Preservação. Memória.



## REFERÊNCIAS

CANCLINI, Nestor (1994). Patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. **Revista do Patrimônio**, 23.

GASTAL, S. (2006). **Alegorias Urbanas: o passado como subterfúgio**. Campinas/SP: Papirus Editora.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

KOZEL, Salete Teixeira. **Imagens e linguagens do geográfico: Curitiba capital ecológica**. Curitiba, 2001. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

LEFEBVRE, Henri (2006). **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e.

LE GOFF, Jacques (2005). **Historia e memória**. 5 ed. Campinas: Unicamp.

NORA, Pierre (1993). **Entre memória e história**. Projeto Historia 10.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Lote urbano e arquitetura no Brasil \_\_\_\_\_. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1973, 211 p.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène E. **Restauração**. Tradução: Beatriz MagayarKühl. Cotia: Ateliê Editorial, 2000. 70 p. (Restauração).